

É CHEGADA A HORA: UMA EEXEGESE DE JOÃO 12:20-36

The Time Has Come: a Exegesis of John 12:20-36

Jolivé Rodrigues Chaves¹

RESUMO

João 12:20-36 é uma passagem importante para o desenvolvimento da teologia joanina. Ela marca a transição entre o “não é chegada a hora” e “é chegada a hora”. Alude ao momento da rejeição final dos fariseus e da abertura do evangelho para o mundo gentio pela resposta positiva dos gregos. Também marca a dedicação de Jesus ao ministério final com os seus discípulos. O texto é amplo para uma exegese minuciosa de todos os versos. A preocupação maior é responder ao tema central: o significado de *be hora*. Ao redor desse tema, há outros secundários como: quem eram os gregos; por que eles buscaram a Filipe e não a outro discípulo; a Páscoa no evangelho de João e a rejeição dos fariseus. A pesquisa se desenvolve explorando os contextos literário e histórico, dando ênfase maior ao tema *be hora*. A partir de um estudo exegético das principais palavras do texto.

PALAVRAS-CHAVE: A Hora. Evangelho de João. Exegese Bíblica.

ABSTRACT

John 12:20-36 is an important passage for the development of Johannine theology. It marks the transition between “the time has not come” and “the time has come.” Alludes to the moment of final rejection of the Pharisees and the opening of the gospel to the gentile world by the positive response of the Greeks. It also marks the dedication of Jesus to the final ministry with his disciples. The text is large for a detailed exegesis of all verses. The main concern is to respond to the central theme: the meaning of *be hora*. Around this theme, there are others secondary such as: who were the Greeks; why they sought to Philip and not to other disciple; the Passover in John’s Gospel and the rejection of the Pharisees. The research is developed by exploring the literary and historical contexts, giving greater emphasis to the theme *be hora*. To this end, there is an exegetical study of the main words of the text.

KEYWORDS: The Hour. The Gospel Of John. Biblical Exegesis.

INTRODUÇÃO

A perícopre em João 12:20-36 pode ser dividida em quatro partes. A primeira fala a respeito da visita dos gregos e sua solicitação aos apóstolos para uma entrevista com Cristo (Jo 12:20-22); na segunda, encontramos a exposição dos princípios básicos para aceitar a Jesus (Jo 12:23-28); na terceira parte, Jesus explica à multidão que chegou a hora do juízo e que, ao ser levantado da Terra, atrairia todos a Si (Jo 12:29-33). Finalmente, Cristo diz que o tempo de oportunidade está no fim (Jo 12:34-36), (VELOSO, 1984, p. 259). A ênfase maior do trabalho, porém, reside na

¹ Doutorando em Teologia Pastoral pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo – UNASP. Diretor e Professor do Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia – SALT. E-mail: <jolive.chaves@gmail.com>.

expressão grega *he bora*, que aponta para o evento da cruz. O contexto imediato se baseia nos caps. 12: 18, 19 e 36 a 38. O contexto amplo está dentro de todo o livro de João. O contexto geral é estabelecido na palavra chave *bora*, que é o ponto culminante do ministério de Jesus no Evangelho de João. O contexto histórico baseia-se nos v. 20-22, que introduzem o assunto do alcance mundial do Evangelho.

CONTEXTO IMEDIATO ANTERIOR

Jo 12:19: “De sorte que os fariseus disseram entre si: Vede que nada aproveitais! Eis aí o mundo vai após Ele”. As palavras dos fariseus são uma reação à atração que Jesus provocava à multidão descrita no verso 18. Em João 12:18 é apresentado outro grupo de pessoas que saem ao encontro de Jesus, pessoas estas que não haviam presenciado as grandes obras do Mestre. Entretanto, haviam recebido o testemunho das testemunhas oculares, daqueles que presenciaram os sinais (João 11: 42; 12:9 e 12:17). Duas grandes massas de gente acompanhavam a Jesus. Este grande movimento de pessoas encolerizou os fariseus” (VELOSO, 1984, p. 258).

Para Bounet e Schroeder (1971, p. 247, v. 2), “encontramos aqui o contraste entre os fariseus e a multidão cheia de entusiasmo pelo Salvador”. Bruce (1987, p. 225) acrescenta que “os fariseus observavam e comentavam entre si sobre a multidão entusiasmada. Se Jesus quisesse, poderia a qualquer momento liderar um levante contra o domínio romano, tirando o poder do Sinédrio, e conseqüentemente o deles”. Veloso (1984, p. 258) comenta que, em face do ciúme, “eles decidem colocar em prática o plano tomado pelo Sinédrio (Jo 11:57), aprisionar a Jesus”.

O egoísmo dos líderes judeus e o interesse dos gregos foi, para Jesus, o prenúncio da extensão mundial do Evangelho, rompendo as fronteiras de Israel.

CONTEXTO IMEDIATO POSTERIOR- v. 36 A 38

Estes versos explicam o motivo da incredulidade dos Judeus e a rejeição deles contra a pessoa e o ministério de Jesus. A partir desse ponto nos deparamos exclusivamente com a íntima relação que Jesus manteve com os seus discípulos naquelas poucas horas finais de Sua existência terrena (CHAMPLIN, 1982, p.493).

Bruce (1987, p. 233) comenta que “desde o princípio dos Seus sinais” em Caná (Jo 2:11), até a manifestação aberta da glória de Deus, na ressurreição de Lázaro (Jo 11:4-40), Ele [Jesus] revelou abertamente a glória do Pai nesta série de ações significativas”. Tal afirmação deixa transparecer a ideia de que os milagres realizados por Jesus são, entre outras coisas, uma forma de estreitar os laços com os discípulos.

Na perícopes em análise, a resposta que Jesus dá ao problema da incredulidade dos judeus contém a causa da referida incredulidade (Jo 12:39). Esta é expressa com uma revelação do profeta Isaías (Isa. 6:10). A causa da incredulidade está em sua

posição social (Jo12:43): “amavam mais a glória dos homens do que a Glória de Deus” (VELOSO, 1984, p. 264-265).

Assim, o contexto imediato mostrou a rejeição dos fariseus em relação a Jesus, bem como a causa dessa rejeição. Daí em diante, o Evangelista apresenta Jesus voltando-Se exclusivamente para os Seus discípulos a fim de prepará-los para os momentos da paixão.

A RESSUREIÇÃO DE LÁZARO (11:1-46)

Aqui, “um discípulo é objeto do milagre, a hostilidade contra Jesus e contra o discípulo de Jesus atinge o seu ápice, e as autoridades resolvem que ambos deveriam morrer (11:53; 12:10)” (BROADMAN, 1969). A intensificação se dá na oposição, gravidade do problema e testemunho de fé.

Jesus se retirou, e a partir deste momento João não relata nenhum discurso mais de Cristo para os judeus. A partir deste momento, Seu ensino se volta para os Seus discípulos, preparando-os para os momentos finais de Seu ministério, que se precipitaria na “hora da morte e da glória” (VELOSO, 1984, p. 238).

Na última semana do ministério de Jesus, intensificaram-se os planos de matá-lo, bem como a Lázaro (12:9,10) e Ele continuou buscando orientar Seus seguidores. Gastou Seu tempo na instrução da Igreja e não mais dos judeus.

Jesus chegou a Betânia seis dias antes da Páscoa (12:1). A Páscoa era realizada no dia 14 de nissã, que naquele ano caía na sexta-feira (VELOSO, 1984, p. 253). Neste evento, Jesus conseguiu atrair uma numerosa multidão dos presentes na Páscoa. Diante disto, a reação dos fariseus é assim registrada: “De sorte que os fariseus disseram entre si: Vede que nada aproveitais! Eis aí vai o mundo após Ele” (12:19).

Um dado importante para este trabalho diz respeito ao fato de que um grupo de gregos tinha subido a adorar no dia da festa (Jo12:20)” (VELOSO, 1984, p.259). Com o pedido dos gregos, Jesus percebe que “era chegada Sua hora”(12:23). Barret (1971, p.349) esclarece este ponto dizendo: “Jesus não tinha mais posição no judaísmo, dado que este desconheceu sua própria posição nos planos de Deus”.

Jesus afirma ter chegado a Sua hora (Jo13:1). São os 3 ½ dias finais de Jesus em que Ele se dedicou para a hora plena: O momento da cruz. Na cruz, reconhecendo ser este o modo de se cumprirem as Escrituras, disse: “Está consumado” (19:28,30). Encontramos destacado o fato de que o Messias havia agora aperfeiçoado completamente a Sua missão messiânica (CHAMPLIN, 1982, p. 622).

HE HORA NO EVANGELHO DE JOÃO

No evangelho de João, no contexto do sacrifício, a expressão *he hora* aparece nove vezes (2:4; 4:21; 4:23; 7:30; 8:20; 12:23 e 27; 13:1 e 17:1). Em 7:5 o termo é “Kairós”(tempo oportuno).

“NÃO É CHEGADA A MINHA HORA” (HE HORA). (JO 2:4)

Veloso (1984, p.74) comenta que se Maria estava pensando, como alguns sugerem, numa ação de Cristo, como a manifestação do triunfo total de Sua missão, certamente era apropriada a resposta de que a Sua hora ainda não havia chegado. A hora do triunfo total seria alcançada na cruz.

“VEM A HORA...”. (JO 4: 21 E 23)

Denota a nova era messiânica recuperada por meio da nova aliança tornada válida no sacrifício de Jesus Cristo.

“...O MEU TEMPO AINDA NÃO CHEGOU” (KAIRÓS: TEMPO OPORTUNO). (JO 7:6)

Para Jesus, os acontecimentos da vida estavam enquadrados por certas oportunidades divinamente ordenadas, nas quais havia um tempo apropriado para o cumprimento de cada propósito.

“NINGUÉM LHE PÔS A MÃO, PORQUE AINDA NÃO ERA CHEGADA A SUA HORA”. (JO 7:30)

Não O prenderam “porque no plano de Deus, a hora da prisão e do sofrimento de Jesus ainda não chegara” (BRUCE, 1987, p. 159). O evangelista afirma “ninguém o prendeu, porque não era chegada a sua hora” (Jo 8:20).

Champlin (1982, p. 404) comenta que “Jesus estava protegido pela providência divina, para que por enquanto os planos assassinos das autoridades religiosas dos judeus não se cumprissem”.

“PRECISAMENTE COM ESTE PROPÓSITO VIM PARA ESTA HORA”. (JO 12:27)

Brown (1984, p. 57) comenta que “a chegada de alguns gregos serve para Jesus como o sinal de que Seu ministério tinha chegado ao fim... A hora é o termo joanino para a volta de Jesus a Seu Pai através da paixão, morte e ressurreição”. Wilkenhauser (p. 351) acrescenta que “agora os inimigos já podem apoderar-se dEle, o que anteriormente era impossível”.

O capítulo doze marca o momento da transição. Nas referências anteriores, a hora não havia chegado. Com o pedido dos gregos, Cristo entendeu que o plano redentivo chegava ao seu ponto culminante. De acordo com Nichol (p. 999, v.5), Jesus contemplou “as cenas futuras que foram a causa de Sua angústia mental”. Ele

entendeu que Seu momento chegara. Daqui para frente, os textos registram Jesus confirmando que Sua hora chegara.

O evangelista declara que “sabendo Jesus que era chegada a Sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os Seus que estavam no mundo, amou-os até o fim” (Jo 13:1). Bruce (1987, p. 235) comenta que “o caminho de volta para o Pai passava pela cruz; andando por esta vereda Ele cumpriria o propósito do Pai em mandá-lo ao mundo e, comprovaria Seu amor pelos Seus que estavam no mundo”. O evangelista acrescenta: “...levantou os olhos ao céu, e disse: Pai, é chegada a hora” (Jo17:1).

É especificamente na hora da morte de Cristo, porém, que os termos gêmeos da cruz e da vida são vistos como assuntos inseparáveis. Assim sendo, a cruz de Cristo é ligada à glória que se haveria de manifestar nEle, quando de Sua ressurreição e ascensão aos céus; porém, por si mesma, a cruz já era motivo de glória, porquanto foi nela que Cristo a) terminou o Seu ministério, b) fez expiação pelos pecadores e c) derrotou as forças de Satanás (CHAMPLIN, 1982, p. 572).

Chegou finalmente o momento da cruz e, ao morrer, Jesus exclamou a expressão “Está consumado” (19:30). O “está consumado” é a declaração máxima de que *he hora* havia chegado.

O Messias havia agora aperfeiçoado completamente a Sua Missão Messiânica. Particularmente em Sua morte expiatória, que Ele mostrou total obediência à vontade de Deus Pai, sendo também esta a Sua prova mais severa.

CONTEXTO HISTÓRICO: A FESTA DA PÁScoa

Em Jo 12:2, encontramos a afirmação de que entre os que subiram para adorar a festa, havia alguns gregos. Esta festa mencionada refere-se à Páscoa, uma das primeiras festas anuais dos judeus (Jo 12:1; 13:1).

A páscoa dos judeus tem relação com a narrativa da décima praga do Egito: a morte dos primogênitos. Israel recebeu a ordem de preparar um cordeiro para cada lar. O sangue devia ser aplicado na verga e nas ombreiras das portas (Ex. 12:7). O sinal do sangue garantiria a segurança de cada casa indicada.

No entardecer do dia catorze de nisã (abibe), os cordeiros da Páscoa eram mortos. Depois de assados, eram comidos com pães asmos e ervas amargas (Ex. 12:8), enfatizando a necessidade de uma observância familiar. No caso de famílias pequenas, os vizinhos poderiam ser convidados para compartilharem da refeição pascal.

A PÁScoa NO EVANGELHO DE JOÃO

João menciona explicitamente três páscoas durante o ministério de Jesus (2:13; 6:4; 12:1 e 13:1). A passagem registrada em 5:1, a qual menciona a “festa dos

judéus”, é vista como estando em conexão com três festas: a Páscoa, Pentecostes e Tabernáculos. Todas eram celebradas em Jerusalém e correspondiam a períodos geralmente de um tempo agradável. Destas três, parece que a Páscoa é a que mais se pode identificar com esta passagem. Irineu, no século II a identificou assim. (Conta hereges ii 22-3).

Portanto, consideramos que há quatro Páscoas relatadas no evangelho de João:

Primeira Páscoa – “A Páscoa dos Judeus” (Jo 2:13)

Primeira purificação do templo.

Segunda Páscoa – “Festa dos Judeus” (Jo 5:1)

O paralítico de Betesda.

Rejeição do Sinédrio.

Terceira Páscoa – “a Páscoa, Festa dos Judeus” (Jo 5:1)

A alimentação dos cinco mil

Rejeição na Galiléia

Jesus não compareceu a esta festa

Quarta Páscoa – “ páscoa do judeus” (11:55)

A crucificação

Foi nesta Páscoa que Jesus foi procurado pelos gregos

OS GREGOS

Quem eram os gregos que pediram para ver Jesus? (v. 20) Esses gregos podem ter vindo de qualquer parte do mundo de fala grega, possivelmente de uma cidade grega da própria palestina. Como em outras partes do NT, o termo é usado para indicar gentios da língua grega. Sem dúvida, eram gentios tementes a Deus, como Cornélio (At 10). Em outras palavras, eles pertenciam àqueles gentios que se adaptavam ao estilo de vida judeu e ao culto na sinagoga, sem se tornarem completamente prosélitos ou convertidos ao judaísmo.

Não deviam ser simples pagãos, mas prosélitos, ou mais exatamente “ tementes a Deus” (At 13:43) que haviam passado a fazer parte da sinagoga de sua pátria.

Champlin (1982) acrescenta que

É incorreta a suposição que pensa que seriam judeus que falavam o grego-judeus de dispersão – porquanto esses jamais seriam chamados gregos, e o próprio intuito do contexto geral é contrário a essa ideia. Eram convertidos ao judaísmo, prosélitos da porta, judeus mistos, por assim dizer, portanto plenos privilégios religiosos jamais poderiam ser estendidos a indivíduos dessa natureza.

Nichol (1998) afirma que o fato de que vieram para adorar e não para participar da Páscoa, sugere que estes gregos não eram prosélitos plenos. Josefo menciona os estrangeiros que vinham a Jerusalém para adorar em ocasião da Páscoa (Guerra VI 9.3). Os prosélitos, em geral, assim como os gentios, ficavam restringidos ao átrio dos gentios.

Podemos concluir, portanto, que os “gregos” eram gentios de fala grega, que haviam sido alcançados pelas sinagogas dos judeus espalhados nas várias cidades vizinhas a Israel. Não eram prosélitos plenos, mas temiam a Deus e seguramente vieram à festa da Páscoa para também conhecer a Jesus.

Os judeus estabeleciam suas sinagogas onde quer iam, e nelas acolhiam bem os gentios. Havia já dois séculos que o AT podia ser lido em grego. Este idioma era amplamente estudado pelas classes religiosas de Jerusalém.

A influência judaica no mundo de então se deu devido à diáspora, que, nas Escrituras, refere-se ao corpo de israelitas morando fora da Palestina. Houve uma dispersão em grande escala, quando as dez tribos do reino do norte foram transportadas para a Assíria e as duas tribos do reino do sul para a Babilônia.

O fato de serem estrangeiros e desejarem ver Jesus, levou-o a dizer “É chegada a hora”. Agora, o Evangelho sairia dos limites de Israel e ganharia o mundo. Esses estrangeiros prenunciaram o alcance mundial do Evangelho.

Porque os gregos procuram Filipe? (V. 21-22). Não se sabe o motivo por que procuraram Filipe e não outro discípulo. É possível que, sendo Filipe de uma povoação ao norte da Galiléia, mais próxima de Tiro e Sidom, frequentadas por gregos, tivesse melhores oportunidades de os conhecer. Ou, talvez, tenham falado com ele porque fosse da mesma região que eles. A menção da cidade de Filipe é provavelmente para explicar o porquê de os gregos se aproximarem dele com sua petição. Estes homens podem ter vindo de Decápolis. Ou, ainda, é provável que Filipe tivesse parentes gregos. Assim, parece que a ligação entre Filipe e os gregos que desejavam ver a Jesus, fosse pelo fato de serem da mesma região ou pelo parentesco.

ANÁLISE DAS PALAVRAS-CHAVE ORIGINAIS

Para uma compreensão mais clara do texto, não se pode prescindir de um exame do texto grego. No texto em consideração, 12:20-36, algumas palavras são chaves, para a compreensão da perícopes, e merecem uma análise um pouco mais criteriosa, a fim de que se verifique a idoneidade das traduções em português e,

ainda, para elucidar outras facetas de significação expressas pelos vocábulos gregos.

GLORIFICAR (*DOXAZŌ*)

O verbo glorificar ocorre três vezes na perícopre analisada neste trabalho. Este verbo aparece 60 vezes no NT, e 22 vezes em João, o que representa 1/3 das ocorrências do NT, demonstrando a importância que João dá a esta palavra.

O verbo *doxazō* é derivado da palavra *doxa* e tem basicamente dois significados:

- a) Prestar honra ou, na forma passiva, receber honra.
- b) Conceder participação ou, na forma passiva, receber participação na glória divina.

O uso predominante de *doxazō* no NT é no sentido de “honrar a Deus”. Ocorre nesta acepção em grande número de vezes, na forma de “glorificaram a Deus”. No sentido de glorificar, o verbo *doxazō* raramente é usado fora dos escritos joaninos. Este fato parece confirmar que João desenvolve uma particular teologia de *doxazō*.

VIDA (*ZŌĒ*)

O tema da vida *zōē* é um dos grandes temas joaninos. Ocorrência no N.T. : 135 vezes. Como em outras religiões antigas, o termo “vida” é usado no sentido de salvação. Mas no cristianismo, o termo adquire o sentido de vida eterna *zōe aionios*.

Vida, subentendida como vida eterna, ocorre ao longo dos escritos de João em termos compostos como: água da vida, livro da vida, árvore da vida e coroa da vida. Em 12:25 “vida eterna” ocorre em sua forma explícita: *zōe aionicos*.

É interessante notar que, ao falar sobre aquele que “ama a sua vida” e que é necessário “odiar a sua vida neste mundo”, João usa o termo *psiche* em contraste com *zōe*. Tanto *zōe* como *psiche* podem ser traduzidas por vida, mas João prefere usar *psiche* para indicar vida como mera existência, ao passo que *zōe* é consistentemente empregada para referir-se à vida abundante e vida eterna.

PRÍNCIPE DO MUNDO

A palavra *archon* ocorre na expressão *archan tou kosmou* no verso 31. *Arche* pode ter o significado de início ou poder, potestade. A palavra ocorre 55 vezes no NT, 18 vezes nos escritos joaninos e 18 vezes no Evangelho.

O termo sempre significa primazia. Esta primazia pode ser de:

- a) Tempo – início, começo.
- b) Lugar – ponto de origem ou de partida.

c) Posição – poder, domínio, ofício.

SUBIR (*ANABAINŌ*)

O termo *anabainō* ocorre no NT 82 vezes. Sua preponderante ocorrência nos evangelhos e em Atos decorre da expressão “subir a Jerusalém”.

João enfatiza que ninguém jamais “subiu” *anabainō* ao Céu, exceto Aquele que de lá desceu. Os discípulos ficaram escandalizados com a reação da multidão às palavras de Jesus de que havia “descido” *katabainō* do céu (6: 62). É relatado que os anjos “subiam” para o céu (1:51) e em 20:17 é dito que o fato de Jesus “subir” para o Pai prepararia o caminho para que os discípulos recebessem seus dons.

A topografia elevada de Jerusalém é ressaltada no v. 20, em que os adoradores gregos, para irem adorar em Jerusalém, necessitavam “subir”.

Percebe-se a importância de “subir” em João, ao vê-lo mostrar como Cristo seria colocado em posição de destaque perante o povo e perante o mundo. Em 12:32, é dito que Cristo seria “levantado” da terra. Embora o verbo usado seja *hypsōo*, o qual tem o significado de levantar, exaltar, erguer, ele também reforça a antítese “subir” – “descer”.

LUZ (*PHŌS*)

Luz *phōs* e trevas *skōtia* fazem parte das antíteses joaninas e refletem um de seus temas prediletos. Luz é uma palavra fenomenológica das mais usadas entre os arquétipos religiosos do homem. Ela ocorre 73 vezes no NT e 23 vezes em João.

Para João, “luz” significa vida, salvação, bem, bondade, enfim, o próprio Deus, Seus atos, Seu caráter, Sua revelação. Talvez a melhor exposição da oposição entre “luz” e “trevas”, em João, esteja inserida no diálogo de Jesus com Nicodemos (3:19-21).

O clímax deste pensamento com certeza está em 8:12b, quando, à “luz” João junta outro termo pleno de significados teológicos em seus escritos: “vida”. Assim, ele diz que quem segue a Jesus terá a “luz da vida”. Desse modo, torna-se mais clara a afirmação encontrada em Jo 12:36. Ao fazer o apelo para aceitar a legitimidade da Sua missão, Cristo diz: “Crede na luz”.

TREVAS (*SKOTIA*)

Este termo é usado num sentido literal em Mt 10:27; Lc 12:3; Jo 6:17 e 20:1. Porém, é de se esperar que, em João, tal palavra tenha um sentido metafórico. O termo aparece 15 vezes no NT e seis em João.

OCULTAR (*KRYPTŌ*)

O verbo *kryptō* ocorre 18 vezes no NT, e duas vezes em João. Nas duas vezes em que João usa o termo, ele o fez no sentido primário e material de “ocultação”, como em Mt 13:44. Em 8:59 e 12:36, Jesus “esconde-Se” dos irados judeus, que consideram Suas afirmações de que era “Filho” de Deus e de que Abraão vira Seu dia como blasfêmia, e, por esta razão, quiseram apedrejá-lo.

Tal ocultação, sobrenatural ou não, foi necessária para que o ministério de Cristo não fosse abreviado. Em 12:36, *kryptō* marca a conclusão do ministério público de Jesus. Ele Se oculta deles porque não encontra uma resposta de fé a despeito de todos os sinais que fez entre eles. Neste ponto, é feita a transição do ministério público para o particular (apenas aos discípulos). Em 19:38, o verbo *kryptō* modifica a expressão *mathetēs tou Iesou* ao referir-se à maneira “secreta” como José de Arimateia seguia Jesus.

HORA (*HŌRA*)

Nos materiais extrabíblicos, *hora* pode significar: tempo exato, fixo, favorável, o momento em que algo deve ser realizado em espaço de tempo curto e indefinido. Na Septuaginta, tem o significado primário de tempo fixo (Jó 5:26; Dn 9:21; Rt 2:14).

No Novo Testamento, seu uso corresponde em grande parte ao uso não bíblico ou da Septuaginta. Deve ser preeminentemente entendido como “tempo pré-estabelecido para algo”. Exemplo: a hora da ceia de Lc 14:17. Esta hora marca o instante em que se dá a confirmação, pedida por Jesus, de que Sua hora era e fora apontada diretamente por Deus para aquela situação.

A expressão também pode indicar o tempo para ação ou sofrimento humano, e pode indicar uma fração de tempo bem restrita, como acontece em Jo 16:21, quando fala da mulher grávida cujo momento do parto chegou.

Em paralelo com a expressão “minha hora chegou”, encontramos a expressão “a hora chegou” usada em sentido absoluto, como em Jo 17:1. Esta forma de expressão também é encontrada fora da Bíblia, na literatura rabínica.

A ocorrência de eventos futuros utiliza a expressão “a hora virá” como em Jo 4:21, 5:25, 28; 16:2, 25. A utilização de *hora* também ocorre na descrição da parousia, como em Mt 24:36, 50; Lc 12:46.

Finalmente, no uso comum da parte clara do dia, a expressão é usada em Jo 11:9 e na parábola dos trabalhadores na vinha (Mt 20:1 - 16).

MORTE E MORRER (*THANATOS*)

O termo *thanatos* ocorre 119 vezes no NT, e 8 vezes em João. O verbo correlato *apotnēsko* ocorre 104 vezes, sendo 26 no evangelho de João.

De acordo com Paulo, a morte entrou no mundo como um poder personificado

(Rm 5:12). A morte é a sorte do homem, é algo temível, que amedronta o homem e que o homem busca somente nas mais desesperadoras circunstâncias. Nunca é descrita em termos apologeticos. Se à morte é imputado algum heroísmo, é somente à morte de Cristo. Todavia, a morte de Cristo não é descrita como um ato heroico, e sim como um sacrifício.

CAIR (*PIPTŌ*)

O verbo *piptō* tem outros cognatos, como *ekpipto*, *katapipto*, *parapipto*, *peripto*. Na Septuaginta, *piptō* ocorre mais de 400 vezes. Tanto no NT como na Septuaginta o significado primário é “cair”.

Na maioria das vezes, o significado é cair não intencionalmente, como a queda das estrelas (Mc 13:25); Satanás caindo na terra como um raio (Lc 10:18); e migalhas caindo da mesa do rico (Mt 15:27).

Com significado de cair intencionalmente, ocorre 12 vezes, mais especificamente no sentido de prostrar-se em adoração (1 Co 14:25; Ap 4:10; 5:14; Mt 2:11). Também é utilizado para descrever sementes caindo sobre a terra (Mc 4:4-8; Lc 8:5,7,14; Jo 12:24); bem como a queda de animais e pessoas. Onze vezes, *piptō* está relacionado com a morte ou morrer caindo sobre a pedra (Lc 20:18; At 5:5; 1Co 10:8; Hb 3:17). “Cair” em pecado também é expresso por *piptō* em Hb 4:11; Rm 11:11,22; 1 Co 10:12; Rm 14:4.

CONCLUSÃO

João 12:20-36 marca a transição entre o “não é chegada a hora” e “é chegada a hora”. Esta expressão faz alusões ao momento da rejeição final dos fariseus e da abertura do evangelho para o mundo gentio pela resposta positiva dos gregos. Tal resposta foi para Jesus o sinal de que seu ministério estava chegando ao fim, e que, portanto, aproximava-se o momento de sua paixão, morte e ressurreição.

REFERÊNCIAS

- BOUNET, L.; SCHROEDER, A. **Comentário del nuevo testamento**. Buenos Aires: Casa Bautista de Publicaciones, 1971, v. 02.
- BROWN, R. E. **A comunidade do discípulo amado**. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.
- BRUCE, F. F. **João introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1987.
- CHAMPLIN, Russel N. **O novo testamento interpretado versículo por versículo**. São Paulo: Milenium, 1982, v. 2.

COMENTARIO Biblico Broadman. Rio de Janeiro: JUERP, 1969.

NICHOL, Francis D (Ed.); MATA, Victor E. Ampuero. **Comentario biblico adventista del septimo dia** Boise: Publicaciones Interamericanas, c1988. v. 5.

VELOSO, Mário. **Comentário do evangelho de João**. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1984.

DATA DE SUBMISSÃO: 21/05/2012

DATA DE ACEITE: 21/08/2012